

MEMÓRIAS EM VELUDO

Por Bia Alineri

Ah! Como é prazeroso passar por esses magníficos portões de ferro, adornados com o brasão da família Juazeiro de Castro, banhados a ouro, perpassando as barras verticais. Logo acima dos gradis, as ornamentadas pontas de lança constituem-se do mesmo dourado, com seu brilho se tornando mais opaco com o passar dos anos, mas sem abrandar sua opulência.

Mas ali está Lílian, avariando o gramado à minha frente com seus passos exaltados, como um filhote de elefante com delírios de ser uma gazela. Seu sorriso insípido insinua que eu devo me apressar para que cheguemos logo à entrada do museu. Para ela, não importa que a fonte do jardim seja encimada por uma escultura de Aleijadinho, ou que sob suas sandálias estejam ladrilhos trazidos de Portugal. A ela interessa pedir a um turista que nos fotografe, com uma pose genérica de casal, como se a exuberante porta de entrada da mansão não fosse digna de ser mais do que um pano de fundo. E eu, como um bom namorado, sou sujeitado a participar de sua busca por validação, com mais um retrato que se perderá em seu rolo de imagens sem importância.

Quase não me atento às boas-vindas da magricela guia turística, tamanha minha exasperação perante o saguão em que nos encontramos. A imponente escadaria curvilínea se ergue diante de mim, um convite ao vazio interminável. O grande lustre de cristal faz irradiar pelo piso de mármore extensas sombras, como se bizarras criaturas negras constantemente estivessem no encalço dos transeuntes desatentos.

A magnificência da mansão me envolve como um manto de veludo, cada detalhe uma obra-prima que parece sussurrar histórias de seu passado. O perfume do tempo expande meus sentidos e, por um momento, sinto como se as paredes estivessem vivas, me convidando a mergulhar mais fundo em seus segredos.

Minha reverência é abruptamente interrompida quando uma das portas internas da casa se abre com um estrondo. Uma figura cambaleia para o saguão, o rosto pálido e contorcido em agonia. O fedelho colide com meu ombro ao tentar correr em direção à saída do museu, mas não rápido o suficiente; o moleque esvazia o conteúdo de seu estômago no chão, perto de mim, e estremeço de repulsa. O palerma que o acompanha nem ao menos pede perdão pelo empurrão que levei, e eu teria feito com eles muito mais do que tirar satisfação, não fosse algo me chamando a atenção.

O pequeno cômodo de onde saíram destoa do resto da casa. A madeira arranhada, mofada e manchada do piso também está presente na escadaria em leque, que, embora estreita, é o que delimita as dimensões do ambiente. Os degraus envolvem de cima a baixo uma estrutura vazada de madeira, que constitui o que presumo ser um elevador de serviço antigo, com portas manuais em grade de ferro, ligando o andar ainda superior ao subsolo.

Meus olhos se detêm na estrutura por um tempo muito maior do que eu saberia explicar por quê. Não percebo que estou quase no interior do cômodo quando Lílian, como sempre sem sensibilidade alguma para qualquer forma de arte, puxa minha mão. Aparentemente, devo seguir o roteiro de visita e começar pela sala ao lado.

O museu está hoje — e, presumo, todos os dias — tão vazio quanto a cabeça de todos aqui presentes. Ah, e é claro que só teria mulheres aqui. Lílian só aceitou incluir o Solar Juazeiro de Castro em nossa programação quando ouviu o atual nome desse espaço com exposição permanente: Museu de Arte da Mulher. Quadros e esculturas de arte contemporânea feminista, por algum motivo, cobrem as paredes e corredores da mansão, e sou obrigado a ver uma floresta de pelos pubianos e seios que derretem até quase alcançarem os pés.

E essas vadias adoram isso. Todas as mulheres do salão observam atentamente as vaginas arreganhadas como se não tivessem uma. Algumas têm a decência de olhar rapidamente, mas nenhuma delas é capaz de notar a beleza da janela de vitrais coloridos europeus, porque algum iletrado pensou ser uma

boa ideia sobrepor esta imagem com um biombo genérico, com cartazes franceses sobre pílulas ou sobre voto ou o que seja. Minhas retinas só se aliviam ao perceber que ao menos não puderam ocultar os afrescos do teto.

Uma qualquer de vestido curto esticou a mão e se entrelaçou com outra vagabunda. Elas têm a consciência de que são muito mais vulgares do que qualquer objeto dessa exposição. Elas adoram isso. Olham para as bocetas como se gritassem que é disso que gostam, pedindo para que eu ensine a elas o que seria bom mesmo para as bocetas *delas*. A espaçosa mansão está tão vazia que, se não fosse pela presença de Lílian, seria ridiculamente fácil eu tomar conta das duas, rasgando-as ao meio a ponto de nunca mais quererem chegar perto de outra mulher de novo.

Lílian sabe que estou perdendo a paciência, e rápido. Com os olhos arregalados, diz que já viu o suficiente da exposição e se apressa de volta ao hall de entrada. Em outra situação, ficaria extremamente enfurecido por não ter conhecido o restante do pavimento térreo do Solar Juazeiro de Castro, mas quando torno a ver a esplendorosa escadaria, afrouxo meus punhos.

Avanço sobre o tapete vermelho dos degraus, meus dedos deslizando pelo corrimão de mogno, como se eu o fizesse todos os dias — uma familiaridade que me provoca um prazer inquietante. Enfim, a verdadeira excursão se inicia. A visita no andar de cima não apenas expõe a história da mansão em si, como também evoca seus antigos habitantes, estando os móveis e objetos ainda impregnados com a essência de suas vidas e mortes. E eu me sinto em casa, em todos os sentidos.

Uma outra guia — bem longe de ser magrela como a outra — mantém seu discurso decorado por todos os cômodos, e nenhuma novidade me é apresentada. Suponho que não é esperado que o público faça a lição de casa antes de adentrar um edifício histórico. Apesar do meu deleite em caminhar pela mansão, é somente quando entramos no enorme salão de bailes que começo a ter uma sensação curiosa.

Algo está mudando em mim. Não sei o que é, mas recebo com hospitalidade.

Um sentimento muito forte de conexão com esta casa, como se eu pertencesse ao lugar. Toco em uma das maçanetas de bronze, sentindo os arabescos em sua alavanca. É como se uma energia poderosa me dominasse, e eu fosse capaz de estar ali junto à nobreza, séculos atrás, enquanto as donzelas de vestidos bufantes ondulavam pelo salão. Quanto mais eu tateio a estrutura da casa, mais me sinto capaz de me conectar com o passado, a ponto de crer que posso tocar o veludo vermelho das cortinas, que há muito foram retiradas.

Lílian está muito menos interessada agora. Na exposição inferior, podia ao menos caçar daquelas formas grotescas. Agora, ela e as outras parecem perder-se em suas próprias trivialidades. É curioso reparar que nenhum outro visitante ou guia parece estar compartilhando das minhas sensações. Vejo com clareza a movimentação da criadagem, os sussurros abafados, o farfalhar dos leques das senhoras, até mesmo sinto um leve amargor no olfato, vindo dos charutos cubanos dos patriarcas.

Meu quase transe é subitamente interrompido pela guia, assim como nossos passos.

— Bom — diz ela —, espero que vocês tenham gostado do passeio!

Me parece um lugar inusitado para tal frase. Nós nos encontramos no final de um corredor sem janelas que, tendo entrado e saído por quase todas as portas, não havia me dado conta do quão extenso era. A luz das luminárias de ferro no teto é insuficiente para que eu relembre o que há no extremo inicial, e uma das lâmpadas bruxuleia com um som agonizante que me transporta de vez ao presente.

Resta apenas uma porta.

— A visitação principal termina aqui — continua. — A partir de agora, eu aconselho pessoas muito sensíveis ou com algum tipo de gatilho a não seguirem, porque... bem, vocês sabem o que acontecia aqui nesta casa, principalmente com as mulheres da época, né, enfim. Então, sintam-se à vontade para voltar, quem se sentir mais confortável. É só seguir de volta por esse corredor e descer pela escadaria principal de onde a gente veio mesmo. Muito obrigada pela visita e

tenham uma boa tarde!

As mulheres remanescentes se entreolham e, aos poucos, vão todas embora. LÍlian me encara com uma pontada de receio e súplica, mas logo percebe que estou firme em continuar a visita. E ela sabe muito bem que não há como me convencer do contrário.

A guia aguarda uns instantes e, ao perceber que não iríamos nos acovardar, abre a última porta.

Mais uma vez me vejo diante de um pequeno aposento de madeira gasta, com escadas circundando um pequeno elevador, agora encontrando seu pico neste pavimento. E mais uma vez me sinto completamente hipnotizado.

A estrutura sussurra seu convite. Anos de história me sugam para seu âmago, para esse lugar intocado pelas maquiagens feitas para as visitas comuns. De repente tenho uma súbita consciência do abismo abaixo de mim, cujo único acesso é esse profundo poço.

E eu preciso ser abraçado por ele.

O ranger das portas levemente enferrujadas faz meus pelos eriçarem, e, sem perceber, sou o primeiro a entrar. Há uma camada de poeira no carpete puído do elevador, perturbada por raras pegadas. Os três botões de bronze contrastam com o painel de pintura lascada, e a guia pressiona o que indica o subsolo.

Um clique, e a gaiola é trancada.

O antigo cabeamento geme alto, como se estivesse acordando de um sono profundo, despreparado para iniciar uma viagem.

A plataforma segue preguiçosamente sua descida, e de alguma maneira tenho a impressão que cada segundo que passa é mais longo que o anterior.

Meus batimentos acelerados destoam do ruído constante das roldanas, sempre pacientes, fazendo graça do meu descompasso.

O piso térreo surge; aquela saleta comum, exata cópia de sua predecessora.

A monotonia das escadas estrangula a caixa em que me encontro, fazendo de

mim uma pequena bola de papel, que uma criança sádica vagarosamente amassa enquanto planeja a pior forma de usá-la.

Os degraus à minha volta parecem subir infinitamente, o quarto lá fora, um disco riscado que alguém esqueceu de mover a agulha.

A plataforma se nivela com o piso do térreo por um breve instante.

Logo que a segurança desse contato se esvai, percebo que eu escutaria uma longa sinfonia de LPs arranhados do interminável branco das paredes se pudesse evitar encontrar o que certamente me aguarda no andar de baixo.

Se antes ansiava ser abraçado, agora sou estrangulado pelo negrume vazio que surge com a descida.

Um calafrio me percorre a espinha, e eu sou incapaz de dizer se o ar gelado provém apenas das grossas paredes de pedra. A iluminação tênue dos archotes não compreende a vastidão do ambiente, mas é suficiente para mostrar com clareza do que se tratavam os avisos da guia.

A aterrissagem do elevador se deu com o estrondoso som agudo das roldanas não lubrificadas.

Mesmo com o fim da movimentação, meu corpo sente a descida continuar e continuar, o peso da gravidade me puxando para o abismo.

O grito dos cabos não cessa.

Tenho a distante percepção de que as outras descem da plataforma e seguem observando e discutindo sobre os itens ali dispostos. É impossível distinguir qualquer som além da crescente horda de vozes perfurando meus tímpanos.

Elas seguem caminhando, um passo após o outro, me deixando à minha sorte, até que nem mesmo as poucas luzes aceitam minha companhia.

O escuro me engolfa, arde em minha pele, e nada existe a não ser os gritos. Nada existe a não ser as súplicas, o choro, os ganidos estridentes das vítimas que há tantas décadas esperam para ser escutados.

Tapar meus ouvidos com minhas mãos trêmulas é completamente inútil.

Imagens surgem em minha visão e, quanto mais eu tento desviar o olhar daquelas cenas grotescas, mais meus olhos se esbugalham, uma pressão lancinante comprimindo meu crânio, mantendo imóveis desde meus músculos até as pálpebras arregaladas.

Entalham-se em meu cérebro os sons e movimentos obscenos que os patriarcas produzem enquanto tiram proveito de mais uma criada, de mais uma convidada desavisada, de mais uma filha, de um sem-número de mulheres que, uma após a outra, são descartadas e substituídas.

Meus olhos secos se mantêm vidrados, me forçando a assistir enquanto eles fazem uso de objetos que eu nunca havia visto. Meu estômago se revira, e meu vômito se acumula em minha boca imobilizada, pingando no piso de pedra, incapaz de ser propriamente expelido.

As correntes tilintam conforme a moça à minha frente se debate, sua garganta estourada de tanto berrar em vão.

Sangue escorre do instrumento que ele utiliza para cravar sua pele.

Sangue escorre de minhas mãos.

Eu sorrio satisfeito quando tiro um pedaço de carne, só um pedacinho, de um lugar onde ninguém vai ver.

Ninguém nunca vai acreditar nela.

Eu sou quem eu sou.

Eu sou o sangue.

Eu sou a faca.

Sou o vazio.

Sou os ecos de todos os gritos.

Eu não vou morrer aqui.

Esse bêbado inútil não prendeu a corrente direito hoje.

Ele olha para mim com uma mistura nojenta de excitação e fascínio antes de se virar, e esse momento de distração é o suficiente para que eu consiga nocauteá-lo com o bastão.

Ele cai feito o saco de bosta que é, e, mesmo fraca, consigo me soltar. Ajusto minhas vestes, empapadas de vermelho, e localizo a única saída desse inferno.

Cambaleio e manco o mais rápido que consigo, mas ele consegue se levantar. Já estou longe demais da mesa, ele com certeza alcançaria uma arma primeiro que eu. Meu pé torcido lateja, mas eu corro usando mais ar do que cabe em meus pulmões, até que finalmente me coloco dentro do cubículo do elevador, que de uma vez por todas será uma passagem só de ida à minha segurança.

Aperto os botões de subida repetidamente, mas essa caixa velha é lenta demais, e ele está chegando.

Minhas lágrimas correm sem meu controle. Golpeio com meus punhos o painel do elevador, ao mesmo tempo em que tento impedi-lo de forçar a abertura da porta de ferro.

Estou fraca demais.

O elevador continua subindo, mas não tenho certeza se será rápido o bastante.

Ele consegue agarrar minhas roupas por entre as barras de metal e se esgueira pela abertura que criou, mesmo agora pendurado para fora da plataforma, trazendo com ele um objeto de metal.

Seu olhar é vitorioso.

Concentro toda a força dos meus débeis braços em esmagar o verme na abertura, mas ele consegue atingir minha perna, e eu caio de joelhos.

A luta faz a plataforma dar um solavanco, e o bêbado nojento é obrigado a soltar o metal para continuar pendurado.

Sem pestanejar, apanho o objeto e o empunho acima da cabeça, minha presa agora fácil.

Pela primeira vez, quem sente medo não sou eu.

Vocifero um grito gutural e encravo o metal na única mão que ainda o segurava no elevador.

O absoluto horror em sua face revela toda sua impotência diante da queda livre. Suas mãozinhas desesperadas agarram o ar, segundos antes de se estatelar ao chão como carne podre.

Segundos que parecem horas.

Meus dedos roçam os de Lílian, seus braços estendidos de maneira tola, em uma tentativa falha de me salvar, esgoelando meu nome ao vazio.

A plataforma se afasta de mim, diminuindo seu tamanho conforme a gravidade me puxa, cada vez mais rápido.

O abismo que outrora me chamava, agora vem me buscar.

Sinto o abraço gelado que me atraía para mais perto, e nada posso fazer para me desvencilhar.

O piso de pedra chega num instante.

Enfim, pertenço à casa.